

**METÁFORA DIÁRIO ONLINE:
UMA ABORDAGEM CONTEXTUAL RICOEURIANA**

METAPHOR AND ONLINE DIARY:
A RICOEURIAN CONTEXTUAL APPROACH

Odair Salazar de Oliveira ¹

Secretaria de Estado da Educação e Tecnologia de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo propõe analisar os efeitos de sentido de metáforas encontradas nos diários online *Poder 360*, *O Antagonista*, e *Diplomatique raul.blog e luíspablo.com.br*, entre 2018 e 2023, levando-se em conta o contexto situacional. Parte da hipótese de que a metáfora é um instrumento cognitivo, epistemológico e heurístico capaz de produzir conhecimento novo sobre o mundo, a partir de uma materialidade noticiosa, sob influência de aspectos linguísticos, históricos e ideológicos. Para dar fundamento a esta tese, toma-se como ponto de partida o conceito de *metáfora, lugares comuns associados, inovação semântica, ideologia*, de Paul Ricoeur e de seus interlocutores. Por fim, os resultados confirmam que as metáforas, formadas por um sujeito e por um predicado lógico, encontrado nos diários online, por mais triviais que sejam, não produzem um sentido único, mas outros sentidos às vezes convergentes e divergentes, mas aceitos por uma comunidade de falantes.

Palavras-chave: Metáfora; Contexto; Diário online; Cognição; Episteme; Heurística.

Abstract: This article proposes to analyze the semantic effects of metaphors found in the online news outlets *Poder 360*, *O Antagonista*, *Diplomatique raul.blog* and *luíspablo.com.br*, between 2018 and 2023, considering the situational context. It starts from the hypothesis that metaphor is a cognitive, epistemological, and heuristic tool capable of producing new knowledge about the world, based on news material, under the influence of linguistic, historical, and ideological aspects. To ground this thesis, the concept of metaphor, associated commonplaces, semantic innovation, and ideology, as proposed by Paul Ricoeur and his interlocutors, is taken as a starting point. Finally, the results confirm that metaphors, formed by a subject and a logical predicate, found in online diaries, no matter how trivial they may be, do not produce a single meaning, but rather other meanings, sometimes convergent and divergent, but accepted by a community of

¹ Doutor em Filosofia pela Universidad Nacional del Nordeste, Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Semiótica pela Universidad Nacional de Misiones, Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Graduado em Letras e Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua na Secretaria de Estado da Educação de Ciência e Tecnologia do Estado de Santa Catarina (Formação de professores). Email: salazar.odair@hotmail.com

speakers.

Keywords: Metaphor. Context; Online diary; Cognition; Episteme; Heuristicity.

Submetido em 3 de julho de 2024.
Aprovado em 9 de novembro de 2024.

Introdução

Paul Ricoeur é um autor pouco trabalhado na área de estudos linguísticos no Brasil. Está mais ligado às pesquisas no campo da literatura, crítica literária, filosofia, sociologia, antropologia, etc. É considerado, por Mongin (1998), como um dos principais intelectuais que trabalha com a metáfora em diferentes vertentes: estruturalista, discursiva, textual, no campo da linguagem e do pensamento.

A diversidade de estudos sobre a metáfora em diferentes perspectivas, na linguística e nas ciências humanas e sociais, tem seu alicerce no capítulo intitulado: “La structure, le mot, l'événement”² da obra “Le conflit des interprétations” (1969) de Ricoeur. É sabido por especialistas em teorias da linguagem que este capítulo é um dos mais importantes dessa obra, porque aponta para um divisor de águas entre o campo da língua (linguística) e o da fala/discurso (filosofia, sociologia, antropologia, etc.).

Em outras palavras, está-se diante da dicotomia *língua* (*langue*) e *fala* (*parole*) de Ferdinand Saussure, apresentada por Ricoeur (1969). É por meio do estruturalismo que o pai da linguística busca descrever a metáfora como algo inerente à língua dentro de um sistema, em que as relações sígnicas se dão internamente, sem relação com o mundo. Já no que se refere ao discurso, enquanto acontecimento (*événement*), o referido *tropo*³ se realiza fora da linguagem, dirigindo-se ao mundo, o que se denomina de extralinguístico. Descarta-se, aí, a *parole como* objeto de estudo da linguística.

A dicotomia proposta por Saussure é fundamental para entender o foco desta pesquisa, que investiga a função da metáfora em notícias de portais online como *Poder 360*, *O Antagonista*, *Diplomatique*, *raul.blog* e *luíspablo.com.br*. Essa função pode ser compreendida por meio de um *sistema de lugares comuns associados* que visa mitigar o

²Tradução livre: “A estrutura, a palavra, o acontecimento”.

³Entende-se por *tropo como o* “[...] empleo de las palabras en sentido distinto del que propiamente les corresponde, pero que tiene con éste alguna conexión, correspondencia o semejanza” (DRAE, 2024). Tradução livre: “[...] emprego das palavras num sentido diferente do que propriamente dito lhes correspondem, mas que apresenta com este (sentido) alguma conexão, correspondência ou semelhança”.

absurdo resultante de uma interpretação literal de uma metáfora que faz parte do texto e seu contexto.

A análise que se propõe aqui resulta de metáforas presentes nos diários online, alinhadas ao conceito de *erro categorial* de Gilbert Ryle (1992), conforme adotado por Ricoeur (1975). Nesse contexto, as metáforas servem ao discurso (*parole*), refletindo manifestações sociais em forma de notícias sobre a realidade circundante. De acordo com a visão de Ricoeur, as metáforas transcendem meras expressões linguísticas, englobando também expressões cognitivas, sendo assim um instrumento cognitivo e heurístico que propicia a produção de novos conhecimentos, a partir do material noticioso, que, em si, apresenta influência social, histórica e ideológica.

De modo geral, segundo Ricoeur (1975), todas as metáforas têm a ver com a realidade. Parte-se, portanto, da hipótese de que a metáfora é um instrumento cognitivo, epistemológico e heurístico capaz de produzir conhecimento novo sobre o mundo, a partir de uma materialidade noticiosa que descreve o mundo das coisas denotadas. Ela não se revela somente por meio de expressões linguísticas, mas também por expressões cognitivas (mentais).

Antes de se aprofundar na análise acerca da relação entre metáfora e diário online, propõe-se analisar e, por conseguinte, descrever, de maneira metódica, alguns aspectos fundamentais da pesquisa. Optou-se por analisar as metáforas presentes nos diários online *Poder 360*, *O Antagonista*, *Diplomatique*, *raul.blog* e *luispablo.com.br*, entre os anos de 2018 e 2023, com a intenção de comparar a utilização desse recurso linguístico nos mandatos dos presidentes Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) e Luís Inácio Lula da Silva (2023-), os quais se destacaram pelo uso de metáforas que exercem considerável poder de persuasão sobre os eleitores.

Embora o emprego de metáforas nos pareça aparentemente inocentes possa parecer superficial, a metáfora, neste caso, tem a finalidade de influenciar as percepções do leitor sobre o mundo que nos rodeia. Para compreender plenamente essa dinâmica, é necessário considerar determinados aspectos da teoria clássica da comunicação, que, contemporaneamente, necessita de adaptação, haja vista a transição para uma linguagem mais acessível, objetiva e imparcial, alinhada com os novos paradigmas do jornalismo que emergiram nas últimas décadas do século XXI. Este movimento ágil e dinâmico,

resultante das transformações nas Redes Mundiais de Computadores, impõe ao jornalista a obrigatoriedade de um constante aprimoramento em relação às novas tecnologias digitais, que evoluem e se reconfiguram de maneira quase diária.

É nos idos da década de 90', mais especificamente em 1995, que o *Jornal do Brasil*, considerado o primeiro veículo de comunicação tradicional neste país, começou a produzir conteúdo noticioso para a versão eletrônica (FERRARI, 2006). No entanto, poucos lares, à época, tinham acesso às notícias publicadas *online*. Ferrari (2006) esclarece que é a partir do ano 2.000 que a internet comercial passou a fazer parte de uma parcela dos lares brasileiros. Descreve que muitos indivíduos passaram a ter acesso à *internet*, às notícias veiculadas em diários *online*, que circulavam com mais rapidez, quase que instantâneas, sobre os fatos ocorridos no Brasil. Em pleno 2023, já se sabe que, em segundos, um indivíduo passa a ter acesso instantâneo a notícias que tratam de temas diversos, de interesse particular ou comunitário, nos cadernos de notícia de um diário *online*.

Em função dessa velocidade, nota-se que, hoje, o jornalista é obrigado a produzir mais notícias em menos tempo, porque o mundo digital exige isso diariamente. Os fatos acontecem, disseminando-se pelos *sítios* de notícia. É por isso que a linguagem jornalística precisa, constantemente, adaptar-se a estas mudanças, como desenvolver matérias sérias e checadas com antecipação, mesmo deixando de seguir as características principais do jornalismo clássico que são ensinadas nos manuais da academia, como: objetividade, imparcialidade, neste caso, o que dá abertura de analisar os fatos sobre o mundo, por uma ótica subjetiva, cuja possibilidade de interpretação tornasse aberta, pois está sob o jugo da persuasão e manipulação jornalística, por vezes.

A objetividade, em pleno século XXI, não reina sozinha no mundo noticioso, uma vez que a metáfora veio para fazer parte das matérias *online* sem perder a credibilidade. Neste ponto, grande parte dos jornalistas concorda. No entanto, alguns jornais tradicionais ainda prezam pela objetividade e imparcialidade, desprezando o uso de figuras de linguagem, ainda que sejam acusados de ser parciais, quando o editor nem sempre deixa publicar as matérias de interesse de uma equipe; decide (sozinho) se uma determinada matéria é inapropriada para publicação de momento, por vezes, decorre de um posicionamento (puramente) ideológico e subjetivo (TRAQUINA, 2005).

A pesquisa sobre a presença da metáfora no *diário online*, que se propõe analisar neste espaço de discussão, conta com a teoria da metáfora de Paul Ricoeur, a partir da obra clássica *La*

Métaphore vive (1975), com a contribuição de outros autores da área de comunicação, dentre eles Traquina (2005a), Ferrari (2006), outros. Ainda que o *corpus* de pesquisa, aqui, seja um conjunto de metáforas triviais presentes no diário *online*, propõe-se demonstrar que o referido *tropo* provoca ambiguidades no leitor, uma vez que este traz consigo aspectos culturais, históricos e ideológicos que influenciam na compreensão/interpretação da matéria publicada.

A nosso ver, essa possibilidade de produzir conhecimento diante de uma metáfora presente em um diário *online* comporta, também, a tese defendida por Gilbert Ryle (2000): a metáfora é um *erro categorial* (*mistake error*). Em outras palavras, por mais ilógica que o *tropo* seja, em que os termos que a compõem são aparentemente incompatíveis, pode-se, por aproximação, produzir um conhecimento novo e até inédito.

Neste ponto de análise, Ricoeur corrobora com Ryle em uma metáfora do tipo:

(1) Maria é uma lhama.

Por mais absurdo que seja (1), é preciso buscar nele traços semelhantes que são compartilhados por dois mundos diferentes: (+) humano (Maria) e (-) humano (lhama). Nas palavras de Bobes (2004), pode-se, a partir de (1), obter uma interpretação literal: alguém pode ter uma *lhama*, cujo nome é Maria. Outras interpretações são passíveis de aceitação, por exemplo, quando falante e ouvinte não compartilham o mesmo conhecimento sobre *lhama*. As chances de um peruano produzir traços diferentes dos de um brasileiro diante de (1) são bem prováveis. A isso, Ricoeur (1975) chama de *lugares comuns associados*, cuja abordagem para uma interpretação exige um conhecimento enciclopédico por parte do intérprete, de um saber prévio sobre algo ou alguma coisa, seguido de um contexto situacional. Por isso (talvez) os indivíduos que vivenciam mundos e ideias diferentes podem não ter conhecimento o suficiente sobre a lhama para dar-lhe atributos.

A esse respeito, afirma-se que:

O contexto, segundo Wittgenstein das *Investigações Filosóficas*, é o ponto de partida para compreender-se um proferimento. Esta máxima wittgensteiniana é levada em consideração por Ricoeur (e seguidores) ao aceitar sua aplicação a um proferimento metafórico, que não consegue oferecer *insights* sobre a realidade, senão pelo uso (SALAZAR DE OLIVEIRA, 2012, p. 87-88).

Por fim, confirma-se a tese de que a metáfora encontrada em um diário *online* é cognitiva, produz *episteme*, quando o intérprete leva em conta o contexto, o cenário onde ocorre o fato. Afinal uma comunidade linguística, para Ricoeur (1975), partilha conhecimentos prévios aceitáveis entre seus membros. Este artigo, portanto, pretende analisar tais metáforas em um espaço de discussão *ad infinitum*, pois elas têm juntamente a função de descrever os fatos narrados no cotidiano, deixando-se entender que um sentido que se abstrai dela não é estático, mas está em

constantes mudanças no sentido de devir *heraclitiano*. Não se tem a pretensão de interpretar as metáforas enquanto léxico, em situação isolada, em nível estrutural ou componencial. Busca-se, sim, tomá-las como um enunciado completo, considerando-o uma unidade de referência, que é produto de um acontecimento contextualizado, por isso não se o reduz a unidades menores como nomes, morfemas e sememas.

1. Teorias da metáfora

Por tratar-se de Ricoeur – um autor que não apresenta rupturas drásticas no que diz respeito ao estudo da metáfora – é preciso desmistificar a tese de que ao defender uma linha de pesquisa de uma área de conhecimento, é preciso, automaticamente, abolir a outra por completo. Inicialmente, enfatiza-se a relevância da metáfora na obra de Paul Ricoeur, destacando que ele não advoga pela exclusão de abordagens distintas no estudo da metáfora, mas sim pela compreensão de que diferentes perspectivas podem coexistir. A proposta inicial é descrever algumas das abordagens sobre a metáfora que Ricoeur apresenta, que vão do estruturalismo ao discursivo-textual, pois ele argumenta que, independentemente do nível discursivo ou textual, a palavra permanece como elemento central de significação. Neste sentido, Ricoeur (1975) considera que “la métaphore est une figure en un seul mot”.

Para fundamentar sua tese, Ricoeur recorre a Aristóteles, que definiu a metáfora como um deslocamento (epiphora) de nome (onoma), que ocorre seja por substituição, comparação ou analogia. A metáfora é descrita por Aristóteles como “Metáfora es la traslación de un nombre ajeno, o desde el género a la especie, ou desde la especie al género, o desde una especie a la otra especie, o según la analogía” (ARISTÓTELES, Poética, 1457 b, 6-7). Entre as quatro espécies de metáforas discutidas por Aristóteles, a analogia é destacada como “a mais excelente”, sendo um elemento predominante na Retórica, onde a teoria da argumentação e da persuasão se entrelaçam.

A analogia, segundo Aristóteles, é formada por quatro termos e pode ser exemplificada pela relação: “la vejez es a la vida como la tarde al día, y así designar a la tarde como la vejez del día, según el equivalente de Empédocles, es decir, la vejez es la ‘tarde’ o ‘la puesta del sol de la vida’ (ARISTÓTELES, 1457 b)”. Através da analogia, é

possível traçar semelhanças que, assim como em uma proporção matemática ($a/b = c/d$), revelam aspectos comuns entre os termos.

Além disso, a analogia é reconhecida como uma ferramenta poderosa na comunicação contemporânea, pois serve de elo entre ideias distintas, facilitando a compreensão de conceitos complexos e destacando a importância da persuasão na argumentação. Aristóteles acreditava que persuadir o público envolvia não apenas lógica, mas também apelos emocionais. A metáfora, especialmente por meio da analogia, continua crucial na construção de narrativas que buscam engajar e criar empatia com os leitores, conectando novas ideias a experiências compartilhadas. Essa intersecção entre metáfora, analogia e a retórica clássica de Aristóteles confirma sua relevância na comunicação efetiva, especialmente em um contexto saturado de informações.

2.1 O rompimento com a teoria aristotélica em direção ao modelo interacionista

Ricoeur (1975) rompe com a teoria aristotélica da analogia, da comparação e da substituição ao afirmar que a metáfora não é apenas uma comparação implícita ou substituição de um nome por outro, mas que a palavra é o foco de significação na linguagem e no pensamento. Embora confirme a presença da metáfora na linguagem, como defende Aristóteles, ele a desloca para o âmbito do pensamento. Para fundamentar sua posição, Ricoeur (1975) busca a teoria de dois autores anglo-saxônicos interacionistas – Ivor Armstrong Richards e Max Black. Em suas obras, *Philosophy Of Rhetoric* (1936) e *Modelos y metáforas* (1966), ambos defendem que a metáfora é produto do pensamento. Richards baseia-se na nova retórica, enquanto Black utiliza a gramática lógica, mas ambos concordam que a metáfora representa uma transação entre ideias, apresentando, ainda assim, abordagens distintas.

Nota-se que a metáfora não foi apenas deslocada do campo da linguagem para o do pensamento, mas também do campo da palavra para o do enunciado. Entendendo-se que a metáfora, agora, não é um caso de denominação, substituição ou comparação, mas de predicação, pois a unidade de referência não é mais a palavra em seu estado isolado, mas de interação entre cada uma delas, por contexto.

O ponto de defesa de Richards (1936) é, no entanto, mostrar que o foco da metáfora ainda se encontra em uma única palavra que faz parte do enunciado como um todo. Trata-se de uma abordagem neorretórica. Para explicar o funcionamento teórico sobre a metáfora, Richards (1936) criou a teoria da interação, aplicando nela o conceito de *teor e veículo*⁴.

Por exemplo:

(1) Achille s'élance comme un león.(RICOEUR, 1975, p. 35).

(a)	(b)
teor	Veículo

A partir de (1), o teor é o que a metáfora refere, o termo literal (Achille). O veículo é o que se diz do teor, o termo figurado (Achille corre como um leão). A teoria baseia-se na relação entre o teor e o veículo que forma a metáfora. Richards afirma que, ao usar uma metáfora, dois pensamentos diferentes coexistem, sustentados por uma palavra única, cujo sentido emerge da tensão entre o teor e o veículo. Assim, o veículo perde a referência no mundo, não denotando mais um leão, necessitando ser substituído por termos latentes compatíveis com Achille, como: valente, nobre, selvagem, etc.

Discípulo de Richards, Black, em 1966, propõe uma análise semântica da metáfora dentro da gramática lógica, fundamentando-se em uma teoria interacionista. Para ele, a compreensão de metáforas não é apenas linguística, mas também uma forma de organizar a realidade. O pensamento blackiano sustenta que uma metáfora produz novos sentidos pela criatividade do intérprete, permitindo interpretações convergentes e divergentes. Isso demonstra que a metáfora não tem um único sentido.

A teoria da metáfora proposta por Black (1966) se destaca por sua análise semântica, ao introduzir os conceitos de *foco* e *quadro*. Essa abordagem vai além do entendimento tradicional, que considera a metáfora meramente como uma ornamentação linguística, como observado por Aristóteles. Para Black, o foco (*focus*) refere-se ao que realmente está em jogo na metáfora, enquanto o quadro (*frame*) fornece o contexto que orienta a interpretação. Isso implica que a metáfora não deve ser vista como uma simples

⁴A crítica que se faz a Richards é justamente a de apoiar-se em uma única palavra com o foco de significação que forma o enunciado. É uma releitura da Retórica de Aristóteles que toma como foco a palavra em estado isolado. A diferença é que na nova retórica o enunciado tem relação com o resto da frase. Já para Aristóteles, a palavra por si só faz analogias por adivinhação.

substituição semântica, mas como uma via de acesso que permite um novo entendimento acerca das relações entre os termos que formam um enunciado. Por exemplo, ao considerar a metáfora “O mundo é um moinho”, o foco seria a ideia de mudança constante e inevitável, enquanto o *quadro* fornece o contexto em que essa mudança é percebida, ilustrando assim a significação que emerge dessa interação.

Ricoeur (1975) elucida a contribuição de Black para os estudos de metaforologia, ressaltando que a metáfora é um instrumento que ajuda a construir a realidade através de processos cognitivos complexos. Para ele, a análise blackiana revela que a metáfora não pertence exclusivamente ao campo da sintaxe, mas deve ser considerada na semântica e pragmática, uma vez que a interpretação de uma metáfora é profundamente afetada pelo contexto comunicacional em que é utilizada. Ricoeur observa que, se Black inclui o estudo da metáfora dentro da semântica, ao considerar a linguagem em uso, isso destaca a relevância do contexto e das intenções comunicativas, alinhando-se assim com a perspectiva do segundo Wittgenstein.

Ademais, a interatividade exigida por Black (1966) para a interpretação de metáforas implica que o intérprete deve acessar um sistema de lugares comuns associados. Isso permite a seleção e organização de relações que, ao serem aplicadas ao tema primário, produzem um significado distinto. Nesse sentido, a metáfora não se limita a uma única interpretação; pelo contrário, pode gerar múltiplos sentidos dependendo do contexto e da bagagem cultural do intérprete. Black (1936) sugere que o sentido do enunciado está correlacionado à reestruturação dos termos envolvidos, ou seja, a relação entre o teor e o veículo da metáfora é crucial para sua interpretação e compreensão. Portanto, tanto Black quanto Ricoeur enfatizam que a metáfora é um fenômeno dinâmico que transcende seu enunciado, sendo fortemente dependente do uso e das condições contextuais, fato que torna a sua análise uma rica aventura pela interligação entre linguagem, cognição e comunicação.

- (2) Susana é uma vaca.
 (a) (b)
 quadro foco

Nota-se que a interpretação da metáfora (2) resulta da tensão entre um sentido literal (a) e um sentido metafórico (b). A palavra *Susana* (quadro) é usada de forma literal, enquanto o foco representa a conotação metafórica. Essa intersecção entre as duas

dimensões forma a metáfora e, como argumenta Bobes (2004, p.78), “se juega entre el sentido indiviso del enunciado y el sentido focalizado de la palabra”. A compreensão de (2) é, portanto, dependente do contexto que acompanha as palavras e do compartilhamento de um sentido comum entre indivíduos de uma comunidade linguística. Ricoeur (1975) enfatiza que Black identifica o quadro como sujeito principal e o foco como sujeito subsidiário na metáfora, indicando que a interpretação requer um conhecimento que é coletivamente construído.

É perceptível que o contexto é crucial para a interpretação, pois ele molda a consciência do falante e organiza percepções. Por exemplo, a metáfora que envolve *Susana* e *vaca* só pode ser entendida plenamente quando os significados de (a) e (b) se confrontam. Essa dinâmica pode produzir resultados diferentes em contextos diversos, como no Brasil e na Índia, onde a colisão de sentidos provoca reações culturais diversas, refletindo as normas e valores específicos de cada sociedade. Enquanto no Brasil, Susana pode evocar conotações negativas, apresentando-a como impura, na Índia a figura pode ser percebida como sagrada.

Ricoeur (1975) critica a proposta de Black (1966), que sugere limites para a interpretação da metáfora, defendendo a ideia de que uma metáfora pode gerar múltiplos sentidos. Para ele, a indeterminação dos contextos é essencial, e a interpretação deve considerar que uma vez que os lugares comuns mudam, as conotações também se transformam. A interpretação da metáfora, portanto, não deve ser vista como um exercício mecânico de equivalência, mas como um processo dinâmico que reflete a diversidade e a fluidez de significados dentro de comunidades linguísticas diferenciadas.

Black (1966), por sua vez, reconhece que, ao interpretar uma metáfora, o intérprete faz escolhas, lidando com a ambiguidade que faz parte desse processo. Essa seleção de sentidos, em que certas conotações são mantidas e outras descartadas, evidencia a complexidade da metáfora como conceito cognitivo. Em última análise, tanto para Black quanto para Ricoeur, a metáfora é mais do que um simples recurso linguístico: é um meio que oferece insights e aborda dimensões da realidade que vai além de um único ponto de vista. Por fim, a análise crítica de Ricoeur se destaca ao corroborar com a perspectiva dos interacionistas anglo-saxônicos, afirmando que o contexto em que se dá

a interpretação é fundamental para a produção de sentidos e insights que desvendam a realidade e os fenômenos do mundo.

3. Metáfora e contexto – um fenômeno de inovação semântica

Para compreender o funcionamento da metáfora em um diário online, é fundamental vê-la como um fenômeno de inovação semântica, que se torna efetivo quando as partes do enunciado não são redutíveis a unidades menores que a palavra. O estudo da metaforologia, conforme argumentado por Ricoeur (1975), se afasta do modelo aristotélico, que considera a metáfora apenas como um tropo isolado, sem função cognitiva ou epistemológica. Assim, deixa de ser uma mera substituição ou comparação e transforma-se em um caso de predicação não-pertinente.

A expressão *inovação semântica* de Paul Ricoeur (2006) refere-se a um conceito que supera a teoria metafórica aristotélica, focando na construção de novos sentidos. A metáfora deixa de ser vista como uma denominação desviante e se estabelece como uma predicação insólita. Este choque entre os termos gera um novo sentido, criado na tensão que une os conceitos, permitindo que um enunciado adquira sentido ao apresentar traços aparentemente incongruentes.

Um exemplo que ilustra esse processo é:

(3) Sophia é uma cobra.
(a) (b)

Observa-se que (3) apresenta incompatibilidades nas naturezas de (a) e (b), que pertencem a mundos distintos: o humano e o da natureza. Aqui, evidencia-se a predicação insólita, conforme delineado por Ricoeur (1975), uma vez que os termos (a) e (b) não se integram sem questionamentos. Essa disjunção impede que se possa, à primeira vista, compreender algo sobre a vida social e política de indivíduos que compartilham a mesma comunidade linguística. É a partir dessa predicação não-pertinente que surge a tensão entre (a) e (b), onde o sujeito subsidiário (cobra) colide com o sujeito principal (Sophia) provocando um novo sentido oriundo da experiência em comunidade.

Esse processo inovador resulta da incongruência entre o sentido literal (a) e o sentido metafórico (b). Ao se reconhecer o erro categorial em (3), revela-se que Sophia é comparada a uma cobra, evocando qualidades de perigosidade, astúcia e traição. A inovação semântica emerge, assim, da identificação dessa incongruência, conforme abordado por Ricoeur (1975).

Para que essa inovação ocorra, é essencial descartar a interpretação literal de (3), que se torna absurda. Esse passo é crucial para o surgimento de uma nova pertinência semântica, advinda de uma interpretação insólita e desprovida de coerência lógica nas ideias subjacentes à metáfora. Para apoiar a tese de Ricoeur (1975) sobre a inovação semântica, é válido citar:

Ricoeur sugiere que la dinámica de la metáfora consiste en abolir las fronteras lógicas establecidas para crear nuevas semejanzas que la clasificación interior impedía percibir. Ricoeur pone énfasis en el poder innovador de la metáfora cuando escribe a continuación que dicho poder consistiría destruir una categorización anterior, para establecer nuevas fronteras lógicas sobre las ruinas de las precedentes: poder destructor... y creador. (GARCÍA, 1996, p. 195)⁵.

Quase toda metáfora admite paráfrase, seja ela trivial ou poética, conforme afirma García (1996). No entanto, a filósofa ressalta que a metáfora trivial do tipo "A é B" tende a esgotar rapidamente seu sentido, enquanto a metáfora poética permite paráfrases infinitas, dada sua polissemia. Os sentidos que dela emergem se renovam continuamente, transitando de geração a geração. Nesse sentido, García (1996) concorda com Ricoeur (1975), ao afirmar que a metáfora possui o poder de oferecer um amplo leque de conotações, tantas quanto forem necessárias.

Essa distinção revela-se significativa, uma vez que Ricoeur (1975), em uma releitura das ideias de Monroe Beardsley, crítica de forma contundente a teoria da metáfora proposta por Max Black, considerando que os exemplos apresentados em Modelos y metáforas são, em sua maioria, demasiadamente triviais. Por outro lado, assinala-se que, no contexto do século XXI, grande parte das metáforas encontradas em

⁵Tradução livre: Ricoeur sugere que a dinâmica da metáfora consiste em abolir as fronteiras lógicas estabelecidas para [então] criar outras semelhanças que a classificação interior impedia de se perceber. Dá ênfase ao poder inovador da metáfora, quando escreve, em seguida, que o referido poder consistiria em destruir uma categorização anterior, para estabelecer novas fronteiras lógicas sobre as ruínas das precedentes: 'poder destructor... e creador'.

diários online se classifica como trivial, o que abre espaço para a investigação de metáforas dessa natureza, até então negligenciadas por muitos especialistas.

Assim, os estudos de Black (1966) mostram-se fundamentais para a compreensão de que o universo não é composto apenas por metáforas complexas, que exigem um rigor mental maior por parte do intérprete, mas também por metáforas triviais, que têm seu próprio valor e podem dizer algo significativo sobre o mundo e os aspectos da vida cotidiana. Nessa perspectiva, observa-se que os sentidos de uma metáfora podem se revitalizar diariamente. A chave para essa renovação reside no processo de uma boa metaforização, fundamentado na semelhança: “de fato, para Ricoeur, o jogo da semelhança é tão necessário na teoria da tensão quanto na teoria da substituição, que rege a concepção retórica da metáfora” (GUERRA, 1996, p. 165).

Ricoeur (1975) recorre, mais uma vez, à teoria da semelhança de Aristóteles, segundo a qual "bem metaforizar é ter os olhos para a semelhança no dessemelhante", uma abordagem que vai além da simples teoria de substituição e comparação, desenvolvendo-se principalmente como uma teoria da interação.

Decía Aristóteles que el genio de la metáfora, don que no puede enseñarse, es el de percibir lo semejante, es decir, percibir una proximidad inédita entre dos ideas, a pesar de su distancia lógica. Entonces hay que entender la semejanza como una tensión entre la identidad y la diferencia en la operación predicativa por la innovación semántica (GUERRA, 1996, p. 165)⁶.

A semelhança, observa-se, resulta de uma relação que articula igualdade e identidade, sem, contudo, fundi-las, mantendo entre elas uma oposição. Tal dinâmica promove uma paráfrase em que os termos constitutivos da metáfora colidem, gerando um conflito entre o que é igual e o que é diferente nesse exercício de bem metaforizar. Assim, adota-se o conceito kantiano de imaginação produtiva, conforme articulado por Ricoeur (1975). Essa imaginação produtiva, segundo Kant (citado por Sanfelice, 2012), é definida como uma “[...] faculdade da imaginação produtora, que é ‘mesmo muito poderosa na criação como que de outra natureza a partir da matéria que a natureza efetiva lhe dá’ (KANT, 2008, p. 159). Sanfelice ainda esclarece que, em seu início, Ricoeur segue Kant,

⁶Tradução livre: “Aristóteles disse que a genialidade da metáfora é um dom que não pode ser ensinado, é perceber a semelhança, ou seja, perceber uma proximidade sem precedentes entre duas ideias, apesar da sua distância lógica. Então devemos entender a similaridade como uma tensão entre identidade e diferença na operação predicativa através da inovação semântica”.

que atribui à imaginação um papel fundamental no plano cognitivo, alinhando-se à doutrina do esquematismo. Em consequência, o filósofo francês propõe um novo esquema que abarca as ideias estéticas, especialmente aquelas que compõem a poesia e a prosa, a fim de evidenciar a importância da imaginação nesse espaço discursivo, onde se processa a interpretação.

Nesse contexto, vê-se que a imaginação desempenha um papel crucial na interpretação de uma metáfora. Por essa razão, Ricoeur (1992) explora a função de uma semântica da imaginação, descrevendo seu funcionamento, a partir do conceito aristotélico de busca por semelhanças no dessemelhante. Este processo de busca pelo novo significado delinea a elaboração de boas metáforas, que se originam da contemplação das semelhanças entre os elementos que as constituem. Em outras palavras, trata-se de abrir caminhos para a percepção de similaridades que geram novos sentidos a partir de uma metáfora.

Por fim, assegura-se que é neste espaço de significação que emergem os novos sentidos, considerando o conceito de *ver-cómo*. Por exemplo, ao afirmar que “O homem é uma ilha”, entende-se que se vê o homem *como* uma ilha. Esta explicação, oferecida pelo filósofo francês em consonância com Kant, revela que, diante de uma metáfora, é possível enxergar “semelhanças no dessemelhante”, ou seja, perceber uma realidade como outra, mesmo que os elementos que compõem a metáfora apresentem sentidos aparentemente opostos e distantes entre si. Por esta razão, a metáfora transcende a mera cognição e epistemologia, assumindo também um caráter heurístico; ela é capaz de conduzir o intérprete a novas descobertas sobre o mundo, por meio de um espectro de conotações que um tropo dessa natureza proporciona, responsável por proporcionar novos insights sobre a realidade. Nesse sentido, o contexto, à luz da abordagem wittgensteiniana das Investigações (2017), fundamenta-se no conhecimento de mundo do intérprete.

4. Função da metáfora em contexto no diário online – análise do *corpus*

A análise do uso de metáforas no jornalismo digital revela um aspecto fundamental da produção de notícias contemporâneas: a intersecção entre linguagem, ideologia e construção da realidade. As metáforas, longe de serem meros adornos

estilísticos, funcionam como ferramentas cognitivas que moldam a percepção e a interpretação do leitor, exercendo um poder sedutor. No contexto jornalístico, onde a objetividade e a imparcialidade são frequentemente idealizadas, a presença de metáforas destaca a complexidade da comunicação midiática no século XXI (TRAQUINA, 2005).

Os manuais que orientam a prática jornalística tradicionalmente enfatizam a neutralidade na apresentação das materialidades noticiosas. Contudo, esse princípio torna-se cada vez mais questionável, uma vez que o uso de figuras de linguagem se faz presente diariamente. Ao analisar as publicações online selecionadas para este trabalho, compreendendo o período entre 2018 e 2023, observa-se um aumento significativo na utilização deliberada de metáforas, tanto nos títulos quanto no desenvolvimento das matérias. Essa escolha linguística não apenas sugere uma intenção de engajar o leitor, mas também revela um meio de influenciar a interpretação das figuras políticas abordadas, evidenciando preferências ideológicas subjacentes (TRAQUINA, 2005).

A evolução do conceito de metáfora, desde a *Poética* de Aristóteles até suas novas aplicações contemporâneas, demonstra sua transformação de um elemento meramente decorativo a um instrumento persuasivo. Como destacam Ricoeur (1975) e outros teóricos, as metáforas podem constituir verdadeiras armas letais no campo da política, capazes de convencer e até enganar o público. Essa capacidade persuasiva se torna evidente nos cadernos de Política dos diários digitais atuais, nos quais as metáforas são empregadas para realçar, através de sentidos convergentes e divergentes, uma ideologia em detrimento de outra, desafiando assim a tese de imparcialidade à qual os jornalistas frequentemente aspiram. Nesse contexto, a análise prática dos enunciados metafóricos selecionados revela como esses mecanismos se desdobram nas narrativas mediáticas, possibilitando a formação de novos sentidos que refletem e reforçam as ideologias em disputa. Portanto, compreender as metáforas no jornalismo digital transcende a mera questão linguística, constituindo-se em uma inquietante interrogação sobre as estruturas ideológicas que moldam o discurso público e a própria realidade política.

Para dar sequência à análise, serão coletados de diários online quatro enunciados metafóricos, diz-se metáforas, publicados entre 2018 e 2023, com o intuito de descrever de que maneira é possível gerar novos sentidos, manifestando-se de forma convergente e divergente. Essa compreensão está entrelaçada com os chamados lugares comuns

associados (RICOEUR) ou sistemas de tópicos associados (BLACK), conceitos já detalhados em subseções anteriores.

Para dar início à análise, toma-se como exemplo:

(1) Sarney e Lula são duas raposas⁷.

(a)

(b)

A análise de (1) propõe uma razoável reflexão sobre o poder da metáfora na construção de sentidos e na comunicação política. Ao primeiro olhar, a afirmação provoca estranhamento por reunir personagens de universos diferentes — duas figuras proeminentes da política brasileira e um animal, a raposa, tradicionalmente associada a atributos como *astúcia* e *esperteza*. Essa incongruência inicial abre espaço para uma leitura mais profunda, que se revela essencial para entender a dinâmica de poder, a ideologia subjacente e as interpretações que os leitores podem produzir a partir dessa estrutura.

Nesse cenário, a metáfora exerce um papel persuasivo, uma vez que mobiliza o conhecimento compartilhado da audiência sobre o que significa ser uma “raposa” no contexto político. O uso deste recurso linguístico não é meramente decorativo. Ele serve para moldar a percepção pública. Quando se diz que Sarney e Lula são “raposas”, o enunciado sugere que ambos compartilham traços que transcendem suas individualidades e os conectam a uma tradição política, onde a esperteza e a manipulação são vistas não apenas como sobrevivência, mas como uma dádiva.

Nota-se que essa construção metafórica é ao mesmo tempo um convite e um desafio ao leitor que é instigado a deslindar os sentidos que emergem dessa comparação. Para alguns, a metáfora pode evocar uma crítica à corrupção e à perpetuação no poder, enquanto, para outros, pode insinuar uma admiração por habilidades políticas que durem ao longo do tempo. A ambivalência do termo “raposas” possibilita múltiplas leituras, refletindo a complexidade do próprio ambiente político brasileiro.

A ideologia implícita no enunciado também merece um exame minucioso. Ao rotular *Sarney e Lula* de raposas, sugere-se uma crítica à política tradicional, sublinhando

⁷CHRISTIANO, Raul. Disponível em: www.raul.blog.br/383/lula-enturma-sarney-renan-e-collor/. Acesso em 09 de nov de 2023.

um sistema, onde a esperteza predomina. Esse enquadramento pode ser identificado como um reflexo do desencanto com as elites políticas, que são frequentemente vistas como figuras que manipulam o sistema em benefício próprio.

Essa visão crítica lança mão da metáfora para expressar um sentimento popular de desconfiança, promovendo uma identificação instantânea entre os leitores e o sentido negativo atribuído à *raposa*. Assim, no campo da ideologia, a metáfora cristaliza uma complexa interação entre os valores compartilhados e as expectativas sociais. Revela, ainda, a batalha entre a ética e a corrupção que permeia o discurso político, convidando o leitor a questionar o que realmente significa liderança e a que custo elas são mantidas.

Há uma percepção também em (1) de que a metáfora envolve também a dimensão do contexto social e político no qual é inserida. Historicamente, tanto Sarney quanto Lula são figuras que, de alguma forma, simbolizaram avanços e retrocessos na política brasileira. Essa ambiguidade reverberada pelo termo *raposas* encapsula uma habilidade de se adaptar, e ao mesmo tempo, uma disposição para fazer alianças que podem ser vistas sob a luz da manipulação. O conceito de *raposa velha* se entrelaça aos eventos passados, reforçando a noção de que a experiência política pode ser tanto um ônus quanto um trunfo.

Para tanto, percebe-se que a metáfora abre espaço para um imaginário que reside fora da linguagem puramente literal — uma linguagem que se move, se adapta e é reformulada no tempo. Ao afirmar que Sarney e Lula são *raposas*, a construção adquire um valor dinâmico, em que os sentidos não são fixos, mas fluem conforme as circunstâncias sociais e políticas mudam. Dessa forma, o enunciado não só exprime uma realidade, mas também a molda, desafiando os leitores a reimaginar e reinterpretar a relação entre política e poder, moralidade e esperteza, sem deixar-se levar pelo convencimento, antes de uma análise prévia de um fato.

Em suma, (1) representa mais do que uma simples comparação. Revela-se um ponto de interseção entre linguagem, poder e ideologia. A metáfora, ao articular aspectos distantes em proximidade, desenha uma crítica ao cenário político e lança mão da astúcia do leitor para uma compreensão mais abrangente e multifacetada do discurso que permeia a política brasileira.

Para seguir, analisa-se o seguinte enunciado metafórico:

(2) Acho que o *Bolsonaro* é o *Lula de ontem*⁸.

(a)

(b)

A análise de (2) revela uma complexa camada de sentidos que vão além da simples comparação entre duas figuras políticas. Neste contexto, é essencial considerar os aspectos sociais, históricos e ideológicos que envolvem a política brasileira, especialmente no intervalo entre 2018 e 2023. A referência a Lula e Bolsonaro evoca um período de polarização extrema na política brasileira. Lula, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), desempenhou um papel central na política brasileira durante as duas primeiras décadas do século XXI, sendo visto como ícone da luta pelos trabalhadores e por políticas sociais. Seu governo foi repleto de conquistas em termos de inclusão social, mas também envolto em escândalos de corrupção que culminaram em sua prisão e na crise política que cercou o impeachment de sua sucessora, Dilma Rousseff.

Bolsonaro, por outro lado, emergiu como uma figura antitética a Lula, prometendo uma ruptura radical com o *status quo*. É um político oriundo de uma linha conservadora e militarista, cuja ascensão foi alimentada por discursos de ordem, corrupção e a segurança pública. Portanto, ao afirmar (2), o enunciado não apenas evoca a similaridade entre duas figuras que moldaram a política brasileira, mas também insinua a noção de que, apesar das diferenças aparentes, ambos representam fenômenos políticos que encarnam as aspirações e angústias de distintos segmentos da população.

A metáfora proposta em (2) opera em dois níveis: um é a relação direta entre os dois políticos, e o outro é o contexto ideológico que os cerca. O advérbio de tempo *ontem* também possui um peso semântico significativo. Sugere não apenas uma comparação entre o presente e o passado imediato, mas também implica que as práticas e promessas de Bolsonaro podem refletir ou repetir os mesmos erros, falácias ou sucessos que caracterizaram o lulismo. Assim, a metáfora gera um espaço de reflexão para que o intérprete perceba as similaridades entre os dois, mesmo quando a ideologia e a retórica parecem, muitas vezes, estar em total oposição.

⁸ NUNES, Luiz Carlos S. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/bolsonaro-e-o-lula-de-ontem/> acesso em: 27 de agosto de 2018.

Quando se enuncia (2), a metáfora é um convite para uma nova interpretação: o que significa ser “Lula” no contexto atual? A estrutura social, as expectativas do eleitorado em 2023 e os desdobramentos do governo Bolsonaro fazem com que essa comparação evoca um panorama de continuidade e de ruptura na política brasileira.

É perceptível, hoje, que os leitores interpretam uma metáfora do tipo (2) através de seus pré-conceitos, experiências e posicionamentos ideológicos. O uso da comparação implícita a *Bolsonaro é o Lula de ontem* pode causar desconforto entre diferentes grupos. Para simpatizantes de Lula, pode representar uma crítica à tendência de Bolsonaro em adotar práticas populistas. Para apoiadores de Bolsonaro, pode ser interpretado como uma tentativa de deslegitimar o novo governo ao comparar suas práticas com as de um passado criticado por corrupções.

Os lugares comuns que cercam as figuras de Lula e Bolsonaro são cruciais para entender como essa metáfora é recebida. Por exemplo, a ideia de que ambos são populistas ou que empregam táticas semelhantes para mobilizar a base eleitoral. No entanto, enquanto Lula é associado a um discurso de inclusão social, Bolsonaro é frequentemente associado a valores conservadores e militaristas, o que pode gerar reações distintas entre os eleitores.

Em síntese, a afirmação de (1) é um poderoso enunciado que revela tensões ideológicas e sociais presentes no discurso político contemporâneo. Ela evoca uma reflexão sobre continuidade e mudança na política brasileira, revelando que uma metáfora é muito mais do que meras comparações; necessita de contexto para ser interpretada. Ela oferece um campo fértil para a construção de sentidos que se desdobram em interpretações variadas, dependendo do contexto em que são recebidas. A análise aprofundada do contexto histórico, social e das ideologias subjacentes é fundamental para entender as implicações dessa metáfora em particular.

Apresenta-se outra análise:

(3) Eu sou Messias, mas não faço milagres⁹.

(a) (b)

⁹ DIPLOMATIQUE. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/jair-bolsonaro-tudo-agora-e-pandemia-tem-que-acabar-com-esse-negocio/>. Acesso em 23 de nov de 2023.

A análise (3) proferida por Jair Bolsonaro em meio ao contexto da crise sanitária da Covid-19 revela a complexidade das metáforas no discurso político. Essa afirmação, carregada de conotações socioecológicas, ressoa fortemente com as tensões existentes no cenário brasileiro, à época. (3), ao estabelecer uma relação entre o presidente e a figura do Messias, invoca um imaginário coletivo que abrange aspectos históricos e culturais da religiosidade no Brasil, especialmente entre setores da população evangélica que o apoiam.

No contexto em que foi proferida, a metáfora assume um duplo papel: por um lado, pode ser interpretada como uma tentativa de deslegitimar críticas e isentá-lo de responsabilidades pelas mortes provocadas pela Covid-19. Por outro lado, reafirma sua posição como líder carismático que, apesar de sua suposta autoridade divina, não possui o poder de reverter a tragédia causada pela pandemia. A expressão *mas não faço milagres* não só diminui a exigência de um desempenho eficaz diante da crise, como também serve para reforçar a imagem de um líder que se posiciona contra a ciência e a medicina convencional, promovendo alternativas não comprovadas.

A análise de uma metáfora dessa natureza revela um fenômeno social significativo. Para os seguidores de extrema-direita, Bolsonaro é visto como o salvador, o portador de esperanças e soluções, mesmo que, em um sentido literal, ele não se apresente como um redentor eficaz. Já para a oposição de esquerda, o presidente assume características depreciativas, que o caracterizam como um personagem desonesto, insensível e até sádico, refletindo um completo descontentamento e desconfiança em relação ao seu governo.

Nota-se que essa bifurcação de interpretações mostra a capacidade das metáforas de invocarem tensões e contrastes, dependendo do contexto sociopolítico e das crenças individuais de cada grupo. Além disso, o uso de advérbios de negação como *não* desempenha um papel crucial na construção do sentido, pois sugere uma tentativa de distanciamento da figura messiânica, minimizando a responsabilidade de Bolsonaro pelas profundas consequências da pandemia. Essa negação é estratégica, pois permite aos seus apoiadores evitar a classificação de seu líder como genocida, ressignificando a discussão para um plano de confronto ideológico, onde a sua figura é idolatrada em detrimento das realidades trágicas.

Portanto, (3) revela-se uma metáfora que oferece sentidos e implicações, refletindo a polarização da sociedade brasileira e a complexidade dos discursos políticos atuais. A sua análise exige uma consideração cuidadosa do contexto situacional e das referências culturais que moldam a recepção e a interpretação desse enunciado, evidenciando a íntima relação entre linguagem, poder e ideologia. Através dessa metáfora, pode-se observar como as palavras são utilizadas não apenas para comunicar ideias, mas também para perpetuar e contestar visões de mundo em um ambiente sociopolítico conturbado.

Segue-se a análise da seguinte metáfora:

(4) Lula é o pai dos pobres.¹⁰

(a) (b)

Nota-se que (4), amplamente disseminada e debatida, transcende a simples construção linguística, abrangendo uma complexidade de sentidos que se entrelaçam na cultura, na história e na ideologia brasileira. Ao associar Lula a um pai, a figura do ex-presidente é projetada com características de *proteção*, *acolhimento* e *carinho*, que são esperados de uma figura paterna. O atributo *dos pobres* intensifica essa noção, situando Lula como um defensor dos menos favorecidos, um líder que se ergue como guardião das causas e das esperanças da população marginalizada.

Observa-se que, histórica e culturalmente, essa construção não é inédita. Estruturas similares foram observadas em relação a Getúlio Vargas, que também recebeu o epíteto de *pai dos pobres*¹¹. No entanto, percebe-se que (4) também suscita interpretações díspares e contraditórias. A partir de um olhar crítico e atento ao discurso social e político atual, pode-se perceber que essa mesma figura paterna, que garante acessibilidade e proteção aos menos favorecidos, também é suscetível a acusações de hipocrisia. Em um relato divulgado em 2023 sobre a estadia de Lula e sua esposa em um luxuoso hotel londrino, a visão do *pai dos pobres* se desdobra em uma crítica mordaz à

¹⁰ HUMBERTO, Cláudio. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/jair-bolsonaro-tudo-agora-e-pandemia-tem-que-acabar-com-esse-negocio/>. Acesso em nov de 2023.

¹¹ Esse epíteto *pai dos pobres já foi dado a Getúlio Vargas*, na década de 1930, que estabeleceu uma conexão profunda com o povo através de políticas trabalhistas que buscavam aliviar a pobreza e melhorar as condições de vida. Ao ser comparado a Vargas, Lula é visto como um continuador desse legado, um populista contemporâneo que reverbera as demandas e anseios de uma classe que, por décadas, tem buscado dignidade e oportunidades.

ostentação e ao descompasso entre discurso e prática. O valor exorbitante de suas despesas durante um evento festivo opõe-se à imagem de um líder que deveria priorizar os que padecem das injustiças sociais.

Esses contrastes revelam a múltiplas faces da figura de Lula, permitindo ao leitor perceber nuances que dependem de sua perspectiva muito particular e do contexto cultural em que se inserem. Enquanto alguns leitores veem nele um símbolo de esperança renovada e uma voz ativa contra a desigualdade, outros enxergam a traição a esse discurso populista, apontando para um desvio entre a imagem do protetor e a realidade de um estilo de vida que desafia a lógica de escassez e sofrimento enfrentada por muitos.

O proferimento (4), portanto, se torna uma lente através da qual se observa a dualidade da história brasileira e da figura de Lula. O *pai dos pobres* pode ser tanto uma expressão de carinho e esperança quanto uma crítica corrosiva à desconexão entre política e prática. Essa duplicidade de interpretações, que se altera com as circunstâncias e o conhecimento societal, ilustra a fluidez do sentido na linguagem e a importância do contexto em que se insere. Como afirmado por Paul Ricoeur (1975), é a sobreposição de sentidos que possibilita *novos insights* sobre a realidade, transformando a mesma metáfora em um campo fértil para diálogos sobre identidade, liderança e responsabilidade social ao longo do tempo.

O proferimento metafórico (4) não se limita a ser uma simples afirmação. Ele convida o leitor a refletir sobre a natureza da liderança e as expectativas sociais depositadas em figuras políticas. Ao explorar esse proferimento jornalístico, é possível evidenciar a intersecção entre cultura, história e ideologia, que moldam a percepção de Lula e sua trajetória política. Culturalmente, a figura do pai remete a valores de *proteção, responsabilidade e carinho*, atributos altamente valorizados em uma sociedade brasileira que, embora diversificada, historicamente luta contra as desigualdades sociais. Ao rotular Lula como *pai dos pobres*, a linguagem em (4) conjura uma imagem de autoridade *benevolente e acessível*, um líder que tem suas raízes no povo.

Por fim, historicamente, a comparação com Getúlio Vargas adiciona camadas de sentido e ambivalência à metáfora, mas quem guia a interpretação de uma metáfora como (4) é o leitor. Para tanto, é preciso levar o contexto situacional, sabendo que Vargas, como um ícone populista, ofereceu avanços sociais significativos, mas sua história também é

marcada por controvérsias e autoritarismo. Essa complexidade se reflete em Lula, que, apesar de êxitos reconhecidos na redução da pobreza e na inclusão social, carrega consigo um legado de escândalos e divisões sociais. A metáfora, ao assimilar esses dois líderes, sugere que a figura do "pai" é também passível de crítica e desconfiança.

Considerações finais

Ao concluir nossa análise sobre a presença e a função das metáforas nos diários online, especialmente no âmbito da cobertura política, é imprescindível reconhecer a complexidade que envolve a atuação do jornalista na construção de narrativas informativas. Ajustando-se às transformações gráficas e linguísticas que caracterizam o jornalismo contemporâneo, a notícia, enquanto gênero informativo, não é apenas um veículo de relatos neutros, mas sim um campo onde se entrelaçam sentidos, ideologias e contextos sociais.

A metáfora, conforme discorreu Paul Ricoeur, se revela como um recurso linguístico de múltiplos sentidos, desafiando a ideia simplista defendida por Black de que uma metáfora apresenta um único sentido. Na prática do jornalismo, as metáforas não apenas decoram o texto, mas também desempenham um papel crucial ao dirigir a interpretação do leitor, que, por sua vez, é influenciado pela posição que ocupa na estrutura social. A utilização de *tropos* nos cadernos de Política, por exemplo, não se restringe a embelezar a linguagem. Ao contrário, é uma estratégia deliberada que busca persuadir e provocar reflexões em um público cuja diversidade de experiências e trajetórias pessoais molda sua capacidade de interpretação.

O reconhecimento de que a linguagem jornalística é permeada por ideologias é real, pois cada notícia carrega consigo a bagagem de um contexto histórico e social. Ao escrever uma notícia, o jornalista não apenas relata fatos, mas também integra sua visão de mundo, o que pode levar o leitor a absorver uma posição aparentemente ingênua, mas que, na verdade, está imbuída de pressupostos ideológicos. Assim, ao se deparar com uma metáfora inserida em um texto noticioso, o leitor é convidado a transcender o sentido superficial e a explorar camadas mais profundas de sentido. O ato de interpretar se torna

um exercício ativo, moldado pela experiência individual de quem consome a informação - o leitor.

Conclui-se, portanto, que a presença abundante de metáforas na imprensa digital é sintoma de uma praticidade comunicacional que se faz necessária diante do emaranhado de realidades contemporâneas. Elas não apenas preenchem lacunas semânticas, mas contêm um potencial epistêmico e heurístico, revelando facetas da realidade que escapam ao olhar apressado. Através de uma metáfora, pode-se vislumbrar uma perspectiva que apenas a literalidade não é capaz de captar. Dessa forma, enquanto os jornalistas se deparam com a tarefa de relatar acontecimentos, a metáfora emerge como uma aliada, capacitando-os a oferecer ao leitor uma compreensão mais rica e multifacetada do mundo ao seu redor. Assim, reafirma-se que, na interseção entre o papel do comunicador e a receptividade do leitor, as metáforas exercem uma função fundamental na elaboração de sentidos, elucidando que as notícias são construções que vão muito além da factualidade. Elas são uma arena de interação, onde linguagem, história e ideologia se entrelaçam, refletindo a pluralidade de vozes que compõem a sociedade contemporânea.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Edição Trilingue, grego, latim e espanhol, por Valentin García Yebra. Biblioteca Románica Hispánica. Editorial Gredos. Madrid: Espanha, 1974.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Edição Trilingue, grego, latim e espanhol, por Valentin García Yebra. Biblioteca Románica Hispánica. Editorial Gredos, Madrid: Espanha, 1974.
- BLACK, Max. *Modelos y Metáforas*. Madrid: Tecnos, 1966.
- BOBES, Carmen. *La Metáfora*. Madrid: Gredos, 2004.
- CONESA, Francisco, NUBIOLA, Jaime. *Filosofia dellenguaje*. Barcelona: Editorial Helder, 1999.
- CORONA, Pablo Edgardo. *Paul Ricoeur: lenguaje, texto y realidad*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2005.
- COSSUTA, Friedrich. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CUNHA, Luiz Cláudio. *Palavras para a imprensa definir com precisão Bolsonaro e seu governo*. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/opiniao/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo/> . Acesso em 01 de jan de 2024.
- DIPLOMATIQUE. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/jair-bolsonaro-tudo-agora-e-pandemia-tem-que-acabar-com-esse-negocio/>. Acesso em 23 de nov de 2023.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2006.

- GUERRA, Lucia Herrerías. *Espero estar en la verdad: la búsqueda ontológica de Paul Ricoeur*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1996.
- HUMBERTO, Cláudio. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/jair-bolsonaro-tudo- agora-e-pandemia-tem-que-acabar-com-esse-negocio/>. Acesso em nov de 2023.
- MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur*. Paris: Edition Seuil, 1998.
- NUNES, Luiz Carlos S.. *Bolsonaro é o Lula de ontem*. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/bolsonaro-e-o-lula-de-ontem/> acesso em: 27 de ag. 2018.
- PABLO, Luiz. *Sarney indica Temer, nomeia delegado Fernando Segóvia novo diretor*. Disponível em: <https://www.luispablo.com.br/politica/2017/11/sarney-indica-e-temer-nomeia-delegado-fernando-segovia-novo-diretor-da-pf/> Acesso em 20 de ag. 2018.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*. 23.^a ed., [versión 23.7 en línea]. <<https://dle.rae.es>> [01 de jan 2024].
- RICHARDS, Ivor Armstrong. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.
- RIKOEUR, Paul. *La métaphore vive*. Paris: Le Seuil, 1975.
- _____. *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique I*. Paris: Le Seuil, 1969.
- RYLE, Gilbert. *The concept of mind*. Londres: Penguin Books, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística General*. Editorial Losada S.A.: Buenos Aires, 1945.
- SANFELICE, Vinícius Oliveira. *Imaginação em Paul Ricoeur: percurso com Husserl e Kant*. *Thaumazein*, Ano V, Número 10, Santa Maria (Dezembro de 2012), pp. 89-99.
- SALAZAR DE OLIVEIRA, Odair. O papel do contexto na teoria da metáfora de Paul Ricoeur. *Acta Semiótica et Lingvistica* v. 19, n. 2 (2014).
- TRAQUINA, Néelson. *Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005a.
- TAGNIN, Stella. *Trabalho de linguística aplicada: a tradução de idiomatismos culturais*. Campinas, 1988.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigaciones filosóficas*. Madrid: Editorial Trotta, 2017.